

# Suplemento Cultural

## Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, 43 Anos – Um Breve Histórico

**RUBENIO MARCELO –**  
Secretário-geral da ASL

Nascida à sombra de uma árvore, em Campo Grande – fundada pelos escritores Ulisses Serra, José Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Souza, no dia 30/10/1971 – a casa literária surgiu com o nome de Academia de Letras e História de Campo Grande. É de conhecimento que (após sucessivas reuniões, análises e consultas) foi definida e aprovada – na data de 13/11/1971 – a relação original dos nomes a compor o sodalício, ou seja: Ulisses Serra, Germano Barros de Souza, José Couto Vieira Pontes, J. Barbosa Rodrigues, Otávio Gonçalves Gomes, Júlio Guimarães, Hugo Pereira do Vale, Antônio Lopes Lins, Jorge Antonio Siufi, Abel Freire de Aragão, Inah Machado Metelo, Maria da Glória Sá Rosa, Henedina Hugo Rodrigues, Oliva Enciso, Demosthenes Martins, Paulo Coelho Machado, Luiz Alexandre de Oliveira, Mariano Cebalho, Ângelo Venturelli, Alcindo Figueiredo, Félix Zavattaro, José Fragelli, Luiz Sá Carvalho, Licurgo de Oliveira Bastos e Rui Garcia Dias. Estes foram os pioneiros da Academia.

A instalação oficial da Academia se deu numa ‘sexta-feira 13’ (noite de 13/10/1972) no Hotel Campo Grande. A ausência mais sentida por todos, nesta solenidade, foi exatamente a de Ulisses Serra: o principal idealizador da entidade falecera a



FOTO: ARQUIVO DA ACADEMIA  
Alguns dos atuais acadêmicos da ASL

30/06/1972. O evento contou com presenças de inúmeras autoridades, inclusive representantes de academias, como os escritores Ivan Lins (da ABL) e Hernani Donato (da Academia Paulista de Letras – e que viria a assumir a Cadeira 1 da ASL, que atualmente pertence ao acadêmico Manoel de Barros). Consta que Donato, na ocasião, assim afirmou: “Esta Academia vem para afirmar-se, destruindo alguns tabus. Pois ela tem o atrevimento de instalar-se numa sexta-feira, dia treze, ostentando o talento de quatro mulheres, excepcionalmente bem dotadas para o ofício literário”. Consta também nos registros históricos que a denominação ‘Academia de Letras e História de Campo Grande’ predominou até o final de 1978, quando em assembleia geral, às vésperas da instalação da nova unidade da Federação (MS), a instituição foi transformada em

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Com 40 Cadeiras, aos moldes da ABL, a ASL registra ao longo da sua existência uma história marcante, voltada para a defesa do vernáculo e o cultivo da arte literária, zelando e incentivando todas as derivações da cultura nacional e estadual. A Academia mantém atualmente programas literoculturais importantes, como, por exemplo: o “Concurso de Contos Ulisses Serra” e o “Concurso de Poesias Oliva Enciso”, o “Chá Acadêmico”, o “Suplemento Cultural” e a “Revista da ASL”, dentre outros.

Parabéns, ASL e todos os confrades, pelos 43 anos de glórias e história. Viva sempre a nossa querida ‘Casa de Ulisses’. A ela dediquei, logo após tomar posse (em 27/09/2002), este meu soneto a seguir:

“

A instalação oficial da Academia se deu numa ‘sexta-feira 13’ (noite de 13/10/1972) no Hotel Campo Grande. A ausência mais sentida (...): Ulisses Serra – o principal idealizador da entidade falecera a 30/06/1972”

**Meu Tributo à Academia**  
(Rubenio Marcelo)

Foi numa sexta-feira, vinte e sete,  
Ano dois mil e dois, mês de setembro.  
Inesquecível noite... Não deslembro:  
Eu e minha emoção, num tête-à-tête.

Rejubilado, ouvi a grã claquete  
Do Sodalício que me dava assento.  
E logo, em fraternal acolhimento,  
Eu fui saudado pelo egrégio escrete.

Em seguida, e contendo a emoção,  
Solenemente, alcei minha oração  
Perante o silogeu em são auspícios...

– Tenho poucos amores nesta vida.  
E esta *Casa de Ulisses* consolida  
Um destes meus amores vitalícios!

## Fogueira de Vaidades

**AMÉRICO CALHEIROS**

Quanto mais a pessoa fala que não tem, mais tem. É um ingrediente que é tão mais forte, quanto mais invisível às vezes está. Falo daquele sentimento que viceja nas entranhas de muita gente, a vaidade, que determina comportamentos inexplicáveis à luz da normalidade.

Os vaidosos não admitem que a terra e seus habitantes não girem senão em torno de suas glórias. Jamais pensam a ordem natural das coisas sem que eles sejam o princípio, o meio e, de preferência, o fim dessa ordem.

Nos dicionários é possível conferir os significados dessa palavra, destacando o desejo imoderado de atrair admiração ou homenagens, presunção, coisa fútil ou insignificante, frivolidade, futilidade, tolice. Ter uma pequena dose de vaidade, não resta dúvida de que faz bem a todo ser humano. Ela é estimulante, porque leva as pessoas a se cuidarem, a se desafiarem no conhecimento, a ultrapassarem, às vezes, seus próprios limites. Entretanto, quando ela supera o limiar do aceitável, torna as pessoas pernósticas, mesquinhas, pequenas.

A religião católica traz grandes exemplos de homens e mulheres que se santificaram na passagem pela camada terrestre. Além de Jesus, o ícone maior da humildade, Francisco de Assis emerge como uma figura que sintetiza o abandono de todas as vaidades humanas. São Francisco, que, literalmente, despiu-se de tudo que pudesse representar sinal de autoelevação, poder e vaidade, cresceu perante a espiritualidade e os homens por despojamento. Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Gandhi, Buda e outros tantos exemplos que podem ser encontrados na história humana são o extremo oposto da vaidade.

Vaidade e poder, via de regra, costumam caminhar juntos. Entenda-se o poder em suas distintas dimensões do comando em geral, seja ele de cunho administrativo apenas (no alto mundo da iniciativa privada), ou de comando político (na esfera pública) ou, ainda, no mundo do show business, que con-

grega milhões de interesses e dólares.

Diz um velho ditado: “Quer conhecer uma pessoa, dê-lhe poder”. E isso é uma incontestável verdade. Às vezes a pessoa assume um pequeno cargo, e seu nariz empinado e sua postura de ostentação ficam maiores que o relevo de sua função, colocando-a em ridícula condição.

Não deve ser fácil harmonizar o exercício do poder, em suas distintas dimensões, com a necessidade imperiosa de quem é vaidoso de ser aplaudido, homenageado (até sem motivo) e bajulado intermitentemente por todos aqueles que estão sob o seu jugo. A vaidade cega, extrapola limites, renega a crítica, destrói a capacidade de autocrítica, desconhece tudo que não visto sob sua ótica, desdenha o conhecimento dos outros, anula as diferentes versões dos fatos e da vida. Conviver com a vaidade e os vaidosos é caminhar sob um fio de navalha. Não há espaço para a divergência no convívio com esse sentimento.

Os vaidosos, a exemplo dos pavões, destacam as suas qualidades (penas) e escondem os seus defeitos (pés), esquecendo ou querendo esconder que de fato eles existem e são vistos.

Na verdade os vaidosos são os maiores inimigos de si próprios. Acossados pela incessante necessidade de serem incensados, os vaidosos vão ficando reféns de suas tolices, que, não raro, transformam-se numa infinita busca dos holofotes, da aprovação pública desmedida e do destaque, a qualquer preço, não dentre os outros e, sim, sobre os outros.

Os vaidosos trilham um caminho sem volta, sem jamais conseguirem calçar as sandálias da humanidade (sic), não raro terminam se isolando, vendo inimigos em todos os lados e enfrentando a própria desilusão com as suas conquistas, porque tudo, como é natural, por maior que seja tem limite, e um dia a casa cai.

Se a expressão ‘fogueira de vaidades’ é extremamente apropriada para designar o excesso dos excessos nesse campo, a vaidade também não deixa de ser apropriada para apontar o local onde os vaidosos podem transformar em cinzas as próprias futilidades: a fogueira.

## Uma História de Amor

**ARASSUAY GOMES DE CASTRO**

Na região delimitada pelos rios Tigre e Eufrates (hoje o Iraque), vivia o patriarca Abraão, descendente de Noé pelo seu filho Sem, de cujo nome se originou o povo semita, os atuais judeus. Essa região denominava-se Caldeia, quando Deus o escolheu para ser o pai de uma grande nação, fazendo-o abandonar a Mesopotâmia e dirigir-se à terra de Canaã, onde hoje está situado o estado de Israel, em companhia de sua esposa, Sara, e de seu sobrinho Ló, levando consigo seus servos e seus rebanhos.

Ái chegando, no local que se chamou mais tarde Palestina ou Terra Santa, o Senhor falou-lhe de novo, dizendo:

– Eu te darei este país a ti e a tua descendência; far-te-ei chefe de um grande povo, onde a tua estirpe será maior e mais numerosa do que as estrelas do céu.

Sara, sua esposa, deu à luz um filho de nome Isaac, origem de todo povo hebreu, e a sua escrava egípcia Hagar deu-lhe um filho de nome Ismael, origem de todo o povo árabe.

Isaac casou-se com Rebeca, sobrinha-neta de Abraão, e deste casamento nasceram dois filhos: Esaú e Jacó. Quando este atingiu a idade adulta, seu pai chamou-o e aconselhou-o:

– Meu filho, você já está na idade de casar-se. Por este tempo, suas primas Raquel e Lia, filhas de seu tio Labão, devem estar moças, assim sendo, mandei arrear quatro camelos carregados de presentes e de dinheiro, acompanhados de dez escravos, e peço a você que amanhã siga na direção do oriente, até encontrar a cidade de Karan, na Caldeia, distante daqui cerca de seis dias de viagem, onde eles moram.

Assim foi feito e a caravana partiu naquela direção.

Lá chegando Jacó parou perto de um poço coberto por uma enorme pedra, ao redor do qual três rebanhos estavam repousando.

Dirigindo-se aos pastores, pergun-

tu-lhes:

– Meus irmãos, de onde vindes?  
– Nos somos de Karan e somos pastores de Labão. Eis sua filha Raquel, que vem com suas ovelhas.

Jacó apressou-se em remover a pedra do poço, para dar de beber às ovelhas de sua prima, saudando-a com palavras carinhosas. Raquel era linda, morena de olhos verdes, e pela qual Jacó logo se apaixonou.

Levado à presença do tio encontrou Lia, irmã de Raquel. Esta era loira, de olhos azuis, e era a primeira filha do casal. Recebido com toda a cordialidade, distribuiu presentes a todos, declarando ao tio a sua intenção de casar-se com Raquel. Segundo a tradição dos povos daqueles tempos, Labão fez-lhe ciente de que só poderia casar-se com Lia, que era a mais velha, depois de trabalhar de graça, durante sete anos, para o seu sogro.

Jacó teve de aceitar a imposição; trabalhou durante sete anos para casar-se com Lia e mais sete anos para poder ganhar Raquel, a preferida do seu coração. Dessa união nasceram doze filhos e uma filha de nome Dina. Os nomes dos filhos são: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom, Dan, Naftali, Gade, Aser, José e Benjamim, os quais vieram a dar origem às doze tribos de Israel.

Quando Labão percebeu que Jacó já estava rico, ficou muito sentido e começou a olhá-lo com inveja, causando-lhe frequentemente grandes desgostos, que ele suportava com paciência, até que um dia o Senhor ordenou-lhe que voltasse à terra de seus pais, isto é, Cananeia.

Assim combinado, Jacó partiu às ocultas do seu tio, vinte anos depois de ter deixado a casa paterna, levando sua família e todos os seus bens. Durante essa viagem, ao chegar as margens do rio Jordão, surgiu um anjo com aparência de homem, que lutou com ele até o despontar da aurora. O anjo perguntou-lhe então: – Como te chamam?

Ele respondeu chamar-se Jacó. E o anjo lhe disse: – De hoje em diante te chamarás Israel, que quer dizer “forte contra o senhor”.

Desde esse tempo, os descendentes de Jacó passaram a denominar-se israelitas.

## POESIAS

**A ULISSES SERRA (FUNDADOR DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS)**

Morreste *alhures*, imortal Ulisses,  
Serra que ascende ao páramo infinito...  
Mas não *um exilado e um proscrito*  
De si mesmo, pois levas as meiguices

Da gente tua a amar-te qual um mito,  
Te acompanhando em pensamento e preces...  
Da *tua casa*, porém, longe adormeces  
Sem dela *ouvir o coração* bendito!

Partiste para a glória celestial...  
Mas, na saudade, nos preenche Deus  
O vão que tua ausência propicia:

A Casa que fundaste é o nosso Graal,  
Nos guiam sempre os sábios passos teus,  
Teu coração é a própria Academia!

GERALDO RAMON PEREIRA

## 3 Casos de Documento

**EDUARDO MACHADO METELLO**

O Dácio e eu fomos representar a CNA numa reunião do MERCOSUL, no Uruguai.

Avisados anteriormente de que não era exigido passaporte para ingressar no país vizinho, fomos munidos apenas de nossas carteiras de identidade.

Mal saídos da aeronave, nos dirigimos à recepção onde nos foram pedidos os documentos pessoais.

Despreocupado, apresentei a minha identidade fornecida pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

O funcionário, com a cara fechada, grosseiro, ríspido, parecia um nazista. Imediatamente me conduziu a uma sala próxima, dizendo: – O senhor está detido. Vai ser repatriado pelo primeiro avião a sair do país!

Surpreso, fiquei sabendo que a carteira profissional – legalmente aceita no Brasil como prova de identidade – não era válida para viagens internacionais, onde só serviam documentos expedidos pela Secretaria de Segurança Pública.

Diante daquela ameaça – o Dácio, aflito, vendo as coisas malparadas – me lembrei, providencialmente, de exibir a carta na qual eu era convidado a participar, oficialmente, da reunião do MERCOSUL pelo Ministro das Relações Exteriores do Uruguai.

Felizmente o sisudo funcionário se convenceu a me deixar passar, com o compromisso de que eu providenciaria um passaporte no Consulado Brasileiro para exibi-lo na saída do país.

O documento do Ministro me salvou na hora certa... ufa!

\*\*\*

Estava proibido o trânsito de porcos pela fronteira daquele país amigo. O fiscal olhava os animais, apartados nos caixotes bem armados. Andava, mexia no livro de instruções, voltava a examinar os bichos, resmungava, coçava a cabeça, hesitava.

– Olha moço – falou para o motorista – dessa vez o senhor vai passar. Está escrito aqui no papel que são suínos. Vou respeitar o documento.

E olhando mais uma vez para os animais que fungavam no caminhão: – ... mas que pareciam porcos, pareciam...

\*\*\*

Ao sair apressado da Famasul, falei para a funcionária: – Providencie rápido o documento, que voltarei em seguida para assiná-lo.

Peguei o carro, fui ao meu escritório e voltei daí a instantes à Famasul. Ao entrar, sempre correndo, perguntei à mesma secretária, a Adelaide: – Onde está o José Armando?

Sem entender direito o que falei e com o pensamento, certamente, ainda voltado para o documento, que sabia ser urgente, respondeu: – Está pronto, em cima de sua mesa!

As risadas foram gerais.